

A VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA EM CO-TEXTOS LINGUÍSTICOS E EM CONTEXTOS DISCURSIVOS

CRUZ, Cleide Lemes da Silva
Universidade de Brasília/Instituto Federal de Brasília
cleide.cruz@ifb.edu.br

Resumo: A dimensão conceitual do universo terminológico responde fortemente pelas interpretações de que um termo é, antes de uma unidade linguística, uma unidade de conhecimento, cujo valor define-se pelo lugar que ocupa na estrutura conceitual de especialidade. Assim, consideramos que uma adequada compreensão das linguagens de especialidade somente se pode dar a partir do entendimento de que os termos não existem em isolamento, nem derivam sua existência apenas de um arcabouço lógico-conceitual, mas se manifestam, circulam e exercem sua função em situação de uso efetivo. Neste trabalho, propomos a análise da terminologia em co-textos linguísticos e em contextos discursivos da língua escrita e oral. Nosso objetivo é mostrar como o léxico da língua de especialidade se apresenta no cotidiano dos estudantes do Curso Técnico em Edificações, a fim de explorar a variação terminológica. Nessa discussão, procuramos investigar a natureza da variação em terminologia, provocada por variáveis que determinam uma classe de objetos. Tendo em vista o propósito revelado, faremos a coleta do léxico especializado, bem como teceremos algumas considerações que seguem a fundamentação teórica do texto, dividida em três momentos: Inicialmente, apresentamos um breve panorama sobre a variação terminológica, enfocando que a unidade terminológica, o termo, “pode assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência”; em seguida, uma seção trata do constructo teórico da variação e, finalmente, discorreremos sobre a aplicação do constructo encaixando cada ocorrência, dentro de uma das regras a fim de sistematizar estruturas léxico-terminológicas variantes.

Palavras-chave: terminologia; variação; co-textos linguísticos; contextos discursivos.

Introdução

A linguagem de especialidade volta-se para a pragmática, no momento em que se analisa um termo usado por um emissor cuja finalidade é produzir uma reação deliberada no receptor. Nesse sentido, segundo Cruz (2005, p. 46), o trabalho terminológico surge da necessidade de denominar os sistemas de conceitos das diferentes expressões ou palavras, com o objetivo de permitir uma comunicação eficiente entre especialistas.

A terminologia, assim como a língua, está sujeita a mudanças constantes; segundo Faulstich (2001, p. 20) foi em 1989 que as primeiras ideias de que, no discurso, o termo apresentava variação e ainda, que a terminologia está voltada para a observação do uso do termo em contextos de língua oral e escrita, de modo que isso implica a possibilidade de identificação da ocorrência de variantes dentro de um mesmo contexto ou de diferentes contextos nos quais o mesmo termo é usado.

Faulstich apud Fatureto (2009, p. 32) defende que os termos são entidades variantes, pois fazem parte de situações comunicativas distintas: “são itens do léxico especializado, que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano

diacrônico”. Assim, é necessário o estudo dos termos para analisar a sua variação e, para isso, Faulstich propõe a seguinte representação:

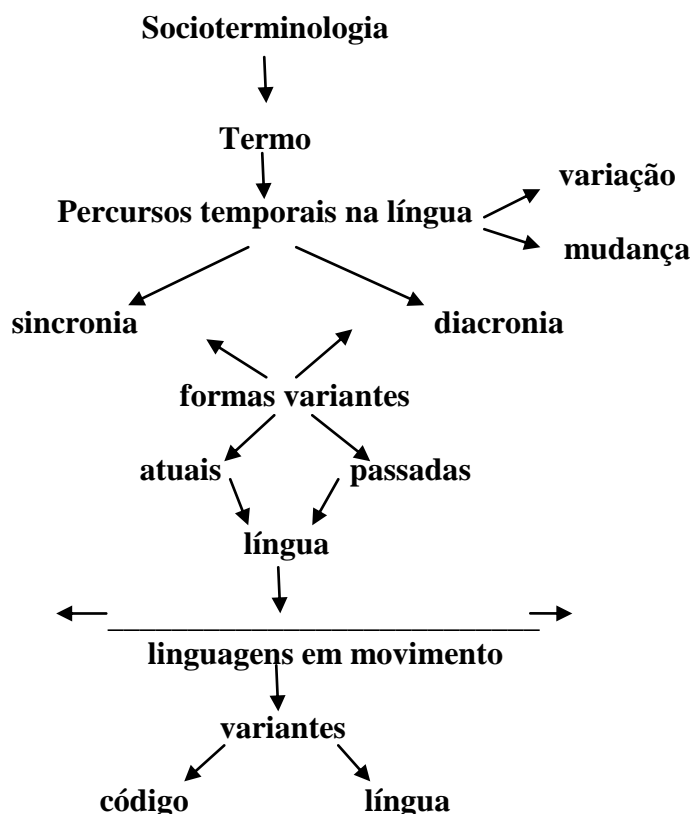


Figura 1. Extraída de Faulstich (1998).

A partir dessa sistematização, é possível afirmar que um termo pode sofrer variação, no plano diacrônico, em que o termo é descrito no seu percurso histórico, que “possibilita sistematizar estruturas léxico-terminológicas variantes, as quais permitem reconstruir quadros conceptuais da época, validados ou não na atualidade” (1999), como por exemplo, o termo *outão* > *oitão*¹ e ainda no plano sincrônico, em que formas variantes apresentam o mesmo significado referencial, como por exemplo, *oitão* > *eitão*. Os termos da engenharia civil são descritos em documentos normalizadores e como tal, expressam no discurso escrito a terminologia da área. Porém, como já afirmamos anteriormente, a terminologia também está presente no discurso oral, como é o caso de *eitão*².

Eugen Wüster³ defendia a tese de que a terminologia não deveria acolher ambiguidades realizadas por denominações plurivalentes (termos homônimos e polissêmicos) e por denominações múltiplas (termos sinônimos). Segundo essa perspectiva, interpretavam-se como anômalos os casos que gerassem ambiguidades e motivassem a variação. Para ele, “variação linguística era toda perturbação da unidade linguística” que se caracteriza pelo aparecimento de sinônimos ou homônimos de variação e que a variação poderia ser eliminada

¹ Há ocorrência de variação do tipo temporal, como postula Faulstich (2003). O termo ‘outão’ foi descrito assim em 1703 e a partir de 1881, passou a ser denominado de ‘oitão’.

² Ainda encontramos no “canteiro de obra” a variante ‘eitão’. Houaiss (2001) define outão como sendo ‘cada uma das paredes que formam as fachadas laterais das residências ou dos edifícios’.

³ Esta análise está publicada por Faulstich, E. na TradTerm, 7, 2001, p.17.

por meio da normalização dos termos, que eram considerados unidades unívocas e monorreferenciais, dentro de uma área de especialidade.

2. O constructo teórico da variação

A variação em terminologia, afirma Faulstich (2001), surge como contraponto à perspectiva tradicional da terminologia. Sendo a variação inerente a qualquer língua, entenderemos aqui variação terminológica como um tipo de variação linguística igualmente condicionada por fatores intra e extra-sistêmicos. Uma vez que a variação terminológica se dá no âmbito do uso especializado da língua por parte de uma determinada comunidade profissional, podemos distingui-la daquela que ocorre na utilização não profissional da língua.

As perspectivas para uma comunicação especializada de melhor qualidade, em qualquer área de conhecimento, constroem-se também a partir do reconhecimento da naturalidade e inerência da variação terminológica como um tipo de variação linguística.

Faulstich propõe, em 1995, nos estudos de socioterminologia, uma abordagem funcionalista do termo, como já dissemos anteriormente, descreve as bases metodológicas para a pesquisa socioterminológica e defende princípios de estreita relação entre termo e variação. Elabora, ainda, uma tipologia de variantes terminológicas e inclui, entre os postulados, a possibilidade de a terminologia variar e de a “variação poder indicar uma mudança em curso”.

Para a construção da Teoria da Variação em Terminologia, Faulstich (2001, p. 76) levou em conta que a unidade terminológica, o termo, “pode assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência”.

Essa teoria está sustentada por cinco postulados⁴, quais sejam:

- a) dissociação entre estrutura terminológica e homogeneidade ou univocidade ou monorreferencialidade, associando-se à estrutura terminológica a noção de heterogeneidade ordenada;
- b) abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado;
- c) aceitação de que, sendo a terminologia um fato de língua, ela acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática;
- d) aceitação de que a terminologia varia e de que essa variação pode indicar uma mudança em curso;
- e) análise da terminologia em co-textos lingüísticos e em contextos discursivos da língua escrita e da língua oral.

Orientada por esses postulados, Faulstich formulou o constructo teórico da variação, do qual se valerá para demonstrar as variações concorrente, coocorrente e competitiva, na análise dos dados mais adiante.

Para a análise dos dados, a seguir, nos pautaremos nos postulados c, d e e, posto que há a presença de variação e, possivelmente, proporcionará uma mudança.

O constructo para a variação pode ser assim descrito:

⁴ Os postulados da teoria da variação em terminologia foram apresentados, primeiramente, no XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), realizada na Universidade de Campinas (Unicamp), em junho de 1998.

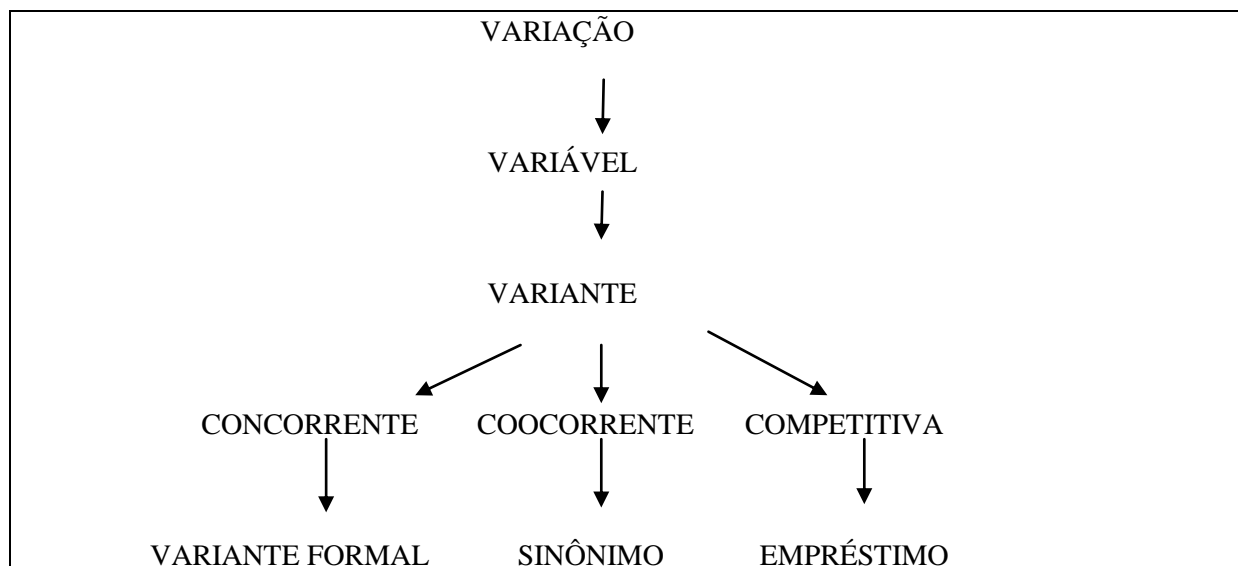


Figura 2: Modelo de variação de acordo com Faulstich (1999).

Ocorre variação a partir de uma dada variante que pode ser do tipo: **concorrente**, isto é, aquela que concorre com outro termo e que, num dado momento, apenas um ficará naquela posição; **coocorrente**, quando um termo ocorre ao mesmo tempo e tem a mesma significação, um não elimina o outro e, **competitiva**, como o próprio nome diz, há uma competição entre os termos e, normalmente, apenas um se estabelece e cristaliza.

3. Aplicação do constructo aos dados coletados

Com a finalidade de verificar como se dá o processo de variação terminológica dos termos da engenharia civil, os quais são empregados pelos estudantes do Curso Técnico em Edificações, os termos foram distribuídos, conforme descrição dos termos a seguir, motivados por uma subdivisão interna, para melhor visualização dos aspectos analisados. Assim, o grupo foi subdividido, como apresentamos a seguir:

- O **Grupo** foi subdividido em:
- **1a - variantes concorrentes:**
- i - primeiro subgrupo: variantes linguísticas;
- ii – Segundo subgrupo: variante de registro (discurso)
- **1b – coocorrentes:** sinônimos
- **1c - variantes competitivas:**

Os termos foram coletados nas obras da área de especialidade e abonadas, através de consulta, em dicionários e glossários que apresentassem os termos que estão assim analisados.

1a - Variantes concorrentes

A análise dos dados, obtidos nessa fase, permitiu a identificação de algumas das variantes linguísticas estabelecidas por Faulstich (1999), qual seja:

i – Primeiro subgrupo: variante linguística

ia) gráfica:

Neste tipo de variação, os termos *adobe*⁵ e *adobo* são diferenciados na escrita pelo uso das vogais finais, *e* e *o*. O mesmo ocorrendo com os termos, *aldrava* ou *aldraba*⁶, *oitão*, *eitão* e *outão*.

ii – Segundo subgrupo: variante de registro (discurso):

Cite-se, por exemplo, o caso das variantes terminológicas de discurso, de acordo com nossos dados: *boneca*⁷ que figura nos discursos orais, ou seja, é atestado na língua comum, no discurso vulgarizado e *requadração*, que figura nos dicionários e glossários da engenharia civil no discurso técnico.

1b - Variantes coocorrentes:

Neste tipo de variação, constatou-se que dentro da terminologia da engenharia civil, foram consideradas coocorrentes, ou seja, sinonímicas, as seguintes unidades terminológicas: *aglomerado* e *contraplacado*⁸.

1c – Variantes competitivas:

Em nossos dados não encontramos a variante do tipo competitiva que origina o empréstimo propriamente dito.

Considerações finais

É evidente, à vista dos exemplos, que não podemos separar a terminologia do discurso em que aparece, nem das circunstâncias sociais em que se insere este discurso, simplesmente porque os termos se vêm definitivamente determinados por estas circunstâncias.

Este estudo possibilitou aplicar o modelo apresentado por Faulstich (1995) na intenção de analisar os termos da engenharia civil, bem como o processo de como se dá a variação em terminologia. O modelo, à medida que foi testado, comprovou que na área de especialidade há

⁵Tijolo feito com uma mistura de barro cru, areia em pequena quantidade, estrume e fibra vegetal. Deve ser revestido com massa de cal e areia. O termo *adobe* vem do árabe *attobi* e designa, também, seixos rolados dos leitos de rios.

⁶ Argola que fica do lado de fora da porta e serve de instrumento para bater à porta.

⁷ O termo ‘boneca’ data de 1867 e refere-se à construção, assim o define Houaiss: ‘Reforço que se apõe na parte central e inferior de viga ou frechal, sustentado por duas mãos-francesas, para que ela ou ele resista melhor à flexão e/ou para impedir a sua deformação’. Em 1957 é apresentado como sendo um *regionalismo* do Rio de Janeiro e pertence à rubrica de alvenaria significando: ‘Ressalto de alvenaria feito para completar a requadração e o guarnecimento do vão de uma porta ou janela, situado junto a uma parede perpendicular à qual esse ressalto pertence; espaleta.

⁸ Placa prensada, composta de serragem compactada com cola e fechada com duas lâminas de madeira.

variação sim, ao contrário do que afirmava Wüster (1996); e que a variação ocorre dentro de um constructo teórico que visa organizar uma gramática, como postula Faulstich.

Referências Bibliográficas

- CRUZ, C. L. S. *Estudo da terminologia das fibras e tecidos da área têxtil*. Dissertação de Mestrado, (Linguística), UnB, 2005.
- FATURETO, G. S.F. *Culinária brasileira e portuguesa: itens lexicais em comparação*. Dissertação de Mestrado (Linguística), UnB, 2009.
- FAULSTICH, E. *Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas*. In: FAULSTICH, E. e ABREU, S. P. *Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia – Cooperação Brasil e Canadá*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003.
- _____. *Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários*. LIV/IL/UnB/Centro Lexterm. Brasília, 2001.
- _____. *Da linguística histórica à terminologia*. Investigações, vol. 7, Recife: UFP, 1999.
- FAULSTICH, E. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Brasília: Centro Lexterm, 1995. 31p.
- FAULSTICH, E. *Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina*. Ciência da Informação, vol. 24, n.2, 1998 – Artigos.
- HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.
- SILVA, H. P. F. e SANTOS, J. B.B. *Relatório de Pesquisa PIBICT - CEFETMT*. Cuiabá-MT, Fev./2008.
- WÜSTER, E. *La teoria general de La Terminologia: una zona fronterera entre La Linguística, La lógica, l'Ontologia La Informàtica i les ciènces especialitzades*. In.: Terminologia. PP. 153-154. Selecció de textos d'E. Wüster. M. Teresa Cabré (dir.). Servel de Llengua Catalana Universitat de Barcelona. Barcelona, 1996.